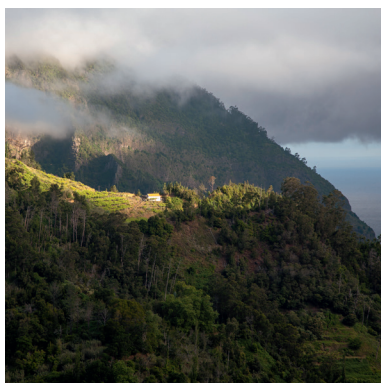
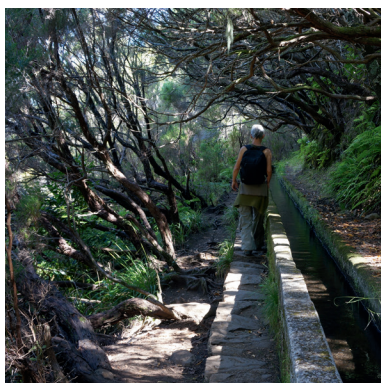
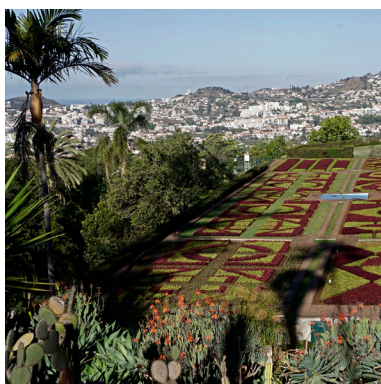


Índice



Madeira

- 14 ● **1 Funchal (ilha da Madeira)**
Monte
- 30 ● **2 Funchal (ilha da Madeira)**
Garajau, Santa Cruz, Machico, Pico do Facho, Caniçal, Camacha, São Gonçalo
- 42 ● **3 Funchal (ilha da Madeira)**
Ribeiro Frio, Santana, Faial
- 52 ● **4 Funchal (ilha da Madeira)**
Lombo do Urzal, Curral das Freiras, Câmara de Lobos, Cabo Girão, Ribeira Brava, Tabua, Ponta do Sol, Madalena do Mar
- 66 ● **5 Funchal (ilha da Madeira)**
Calheta, Jardim do Mar, Prazeres, Porto Moniz, Rabaçal
- 76 ● **6 Funchal (ilha da Madeira)**
Encumeada, Ribeira Grande, Rosário, São Vicente, Ponta Delgada, Arco de São Jorge, Ribeira Funda, São Jorge, Santana
- 88 ● **7 Funchal (ilha da Madeira)**
Fanal, Ribeira da Janela, Porto Moniz, Achadas da Cruz, Seixal, São Vicente
- 98 ● **8 Vila Baleira (Porto Santo)**
Porto de Frades, Serra de Fora, Serra de Dentro, Pico Branco, Camacha, Campo de Cima, Campo de Baixo, Morenos, Ponta da Calheta



Açores

- 116 ● **9 Ponta Delgada (São Miguel)**
Paim, Sete Cidades, Mosteiros, Capelas, São Vicente Ferreira
- 130 ● **10 Ponta Delgada (São Miguel)**
Fenais da Luz, Rabo de Peixe, Ribeira Grande, São Brás, Maia, Lagoa
- 144 ● **11 Ponta Delgada (São Miguel)**
Água de Pau, Caloura, Ribeira Chã, Água d'Alto, Vila Franca do Campo, Furnas, Achada, Nordeste, Povoação, Ribeira Quente
- 160 ● **12 Angra do Heroísmo (Terceira)**
Falca, Gruta do Natal, Biscoitos, Altares, Ponta do Queimado, Serreta, Cinco Ribeiras, São Mateus da Calheta
- 172 ● **13 Praia da Vitória (Terceira)**
Lajes, São Brás, Aigualva, Quatro Ribeiras, Ponta dos Biscoitos, Furnas do Enxofre, Algar do Carvão, Ladeira da Pateira, Ponta das Contendas
- 186 ● **14 Horta (Faial e Pico)**
Castelo Branco, Parque Florestal do Capelo, Capelo, Capelinhos, Caldeira, Parque do Cabouco, Praia do Almojarife
- 206 ● **15 Santa Cruz da Graciosa (Graciosa)**
Ponta da Barca, Porto Afonso, Baía da Folga, Carapacho, Praia, Guadalupe
- 220 ● **16 Velas (São Jorge)**
Rosais, Norte Grande, Norte Pequeno, Lourais, Topo, Calheta, Urzelina, Queimada

EXTENSÃO 135 km

- Horta
- Porto Pim
- Monte da Guia
- Castelo Branco
- Morro de Castelo Branco
- Parque Florestal do Capelo
- Levada do Faial
- Levada do Cabeço Gordo
- Capelo
- Capelinhos
- Porto Comprido
- Varadouro
- Espalamaca
- Caldeira
- Parque do Cabouco
- Praia do Almocharife
- Horta
- Pico
- Horta



o nosso percurso estende-se em torno do Faial, ilha onde fica o famoso Vulcão dos Capelinhos, com as suas exuberantes cinzas castanhas. No final, aconselhamos ainda uma breve escapada ao Pico, visível de qualquer parte da cidade da Horta. Poderá não resistir a explorar aquele monte que se ergue diante dos seus olhos, envolto num véu de nuvens, para lá do mar, mas terá de reservar um dia só para essa viagem. Caso seja mais temeroso ou o clima obrigue a uma mudança de planos, apresentamos boas sugestões, e verá que a travessia não será em vão. É à extensão marítima entre o Faial e o Pico que Vitorino Nemésio alude em *Mau Tempo no Canal*, romance que retrata a sociedade açoriana. Entre vegetação luxuriante e marcas de fenómenos vulcânicos, encontrará, com certeza, algo do seu agrado.

Horta

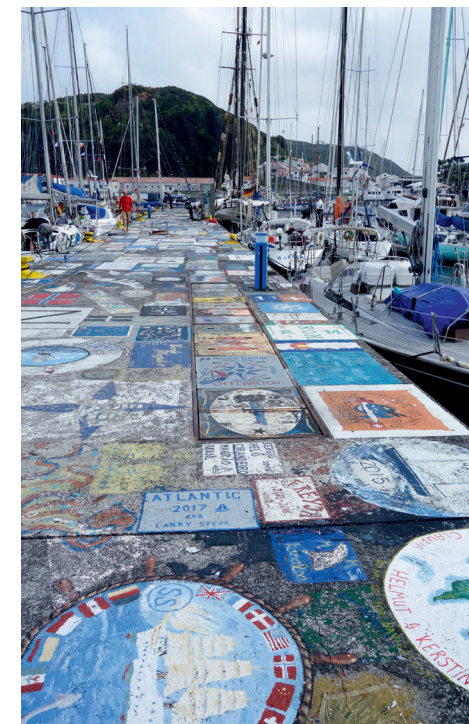
Para começar o percurso, sugerimos que se levante cedo. Comece por ir até à **marina** dar um passeio à beira-mar. Observe o Pico e prepare-se para uma longa, mas inesquecível, jornada. Dirija-se, então, ao célebre **Café Sport** **38.529444, -28.626667**, que, apesar de ser reputado por ter o melhor *gin* tónico do oceano Atlântico, também serve pequenos-almoços. Considere, por exemplo, uma tosta-mista da casa em pão de confeitão tradicional.

Café Sport

Se imaginou encontrar um espaço inventado e fabricado à medida, esqueça: neste bar, também

chamado **Bar do Peter**, as recordações nas paredes e as bandeiras no teto foram deixadas por velejadores aventureiros, e tudo respira história. A casa existe desde 1901, embora só a partir de 1918 tenha adquirido o nome atual. Na altura, a fachada foi pintada com latas de tinta oferecidas ao proprietário, Henrique Azevedo, por um holandês atacadado na doca. A tonalidade manteve-se até hoje.

A história do duplo nome por que o café é conhecido resume-se em poucas linhas. Um capitão inglês, que terá passado pelo Faial por altura da Grande Guerra, achou que José, o filho de Henrique Azevedo, se parecia muito com o seu próprio filho e passou a chamar-lhe “Peter”.



Desenhos, símbolos e datas ilustram toda a Marina.

Saltar entre ilhas

Não é igual visitar os Açores no verão e fazê-lo no resto do ano. Se quiser organizar as suas férias no inverno, os transportes podem ser um problema. Salvo raras exceções, não há barcos entre as ilhas. Querendo fazer os três percursos de São Miguel e da Terceira e depois dar um salto ao Faial, à Graciosa e a São Jorge, terá de viajar de avião, pela SATA. Os custos dos voos entre as ilhas não são muito inferiores aos, por exemplo, entre Lisboa e Ponta Delgada. Além disso, não há aviões diretos entre todas as ilhas. Assim, para harmonizar as datas, pesquise bem antes de partir e evite surpresas quando já estiver nos Açores. Se quiser visitar o Faial na época baixa, existe avião direto de Ponta Delgada ou do Continente. Depois, é só encontrar um táxi e desaguar na fabulosa baía da Horta.

A partir daí, o café ficou conhecido como “o Bar do Peter” e adquiriu fama internacional, em parte devido à propalada qualidade do *gin* tónico, procurado pelos marinheiros de garganta ressequida. Ao longo dos anos, o bar tem sido o ponto de encontro de milhares de mareantes, que acostam nesta pequena ilha ao atravessarem o Atlântico. O Peter serve até de posta-restante, onde, na falta de correio entre embarcações e rede para os telemóveis, é depositada a correspondência.

Ao lado do balcão onde se vendem pequenas peças de artesanato feitas de osso de baleia, existe uma porta que guia o visitante ao primeiro andar, até a um museu dedicado ao *scrimshaw*.



Museu do Scrimshaw

Scrimshaw é a arte de gravar, em ossos e dentes de cachalote, desenhos mais ou menos artísticos, que, no geral, retratam cenas baleeiras ou da faina marítima. O ofício teve a sua origem nos barcos baleeiros e servia para passar o tempo durante as longas viagens. No **Museu do Scrimshaw**, além de uma coleção magnífica de dentes gravados, encontra miniaturas de



A atividade está sujeita a marcação prévia.

barcos e outros objetos ligados ao mar, feitos em osso de cachalote. Mais adiante, neste percurso visitaremos um artesanato de *scrimshaw* (veja a página 199).

Local: Rua José Azevedo, 9.

Contacto: 292 292 327.

Nadar com tubarões

Saindo do Peter, atravesse a rua, desça umas escadas para a zona portuária e entre no espaço **Norberto Diver**. É uma empresa, com larga experiência de passeios para observação de baleias e de golfinhos e natação com golfinhos, que apostou numa nova modalidade: natação com tubarões. A atividade consiste em nadar e observar tubarões-azuis e tubarões-martelo no seu meio ambiente, de uma forma próxima e em segurança. Só precisará de máscara, respirador e barbatanas. Estes passeios estão sujeitos a marcação prévia e normalmente só se realizam entre julho e setembro.

Se os tubarões lhe impõem mais medo do que respeito, continue pela marginal para o centro da cidade. De passagem, reparará no **Forte de Santa Cruz**, com a fachada coberta de heras, agora transformado em pousada.

Local: Cais de Santa Cruz.

Contacto: 969 197 077/292 293 891.

Museu da Horta

A **Igreja-Matriz de São Salvador** foi construída em 1680 e erguida por iniciativa do então capitão-mor do Faial, D. Francisco de Quadros. O convento, Colégio dos Jesuítas, de que agora faz parte, foi construído muito depois, tendo ficado muito tempo inacabado devido à expulsão dos Jesuítas (em 1760). Além do bonito altar-mor de talha dourada, repare também na Capela da Senhora da



Boa Morte, com as suas telas e os painéis de azulejos da capela-mor. Instalado neste convento está o **Museu da Horta**.

O bilhete de entrada neste espaço museológico inclui a visita à Casa Manuel de Arriaga (veja a página seguinte) e permite observar uma impressionante coleção de **peças em miolo de figueira**, uma das tradições mais conhecidas da ilha. São 70 miniaturas, da autoria do faialense Euclides Silveira da Rosa, que as doou ao museu, que representam, à escala e com impressionante minúcia, diversas obras do património rural e naval dos Açores (barcos, monumentos e cenas da vida quotidiana). Foram precisos cerca de 35 mil fragmentos para as executar, apesar de toda a coleção pesar uns meros 1,2 quilos.

O miolo é extraído do interior dos troncos durante o inverno, quando está mais branco, pois a seiva quase não circula. A seguir, é deixado a secar ao sol, durante cerca de uma hora, para adquirir a consistência desejada. É então cortado em lâminas finíssimas e colado com goma-arábica, aplicada com a ponta de uma agulha. A zona de colagem deve ficar escondida, porque a cola amarelece com o tempo.

No museu, existe ainda uma exposição de **arte sacra**, que reúne uma importante coleção de alfaías de prata e de imaginária religiosa, com destaque para a estatuária de origem flamenga (séculos xv e xvi).

Outra coleção, muito interessante, dá-nos uma completa perspectiva do papel da Horta no tempo da telegrafia por cabo submarino. A **primeira travessia aérea do Atlântico Norte** conta com uma sala onde o evento está bem explicado e ilustrado



Sala dedicada à 1.ª travessia aérea do Atlântico norte.

com objetos e fotografias da época, assim como um modelo de grandes dimensões do hidroavião *Navy-Curtiss NC-4* construído por Fernando Teixeira e Fernando Jorge. Finalmente, pode também apreciar pintura moderna e algumas peças de mobiliário antigo.

Local: Largo Duque d'Ávila e Bolama.

Contacto: 292 392 784.

Jardim de Florêncio Terra

Seguindo pela Rua de São João, vai dar de caras com um estranho campanário isolado num terreno relvado. Trata-se da **Torre do Relógio**, que pertenceu à antiga igreja-matriz da Horta e que, depois de ser danificada várias vezes por corsários ingleses e por sismos, foi definitivamente demolida, ficando apenas o campanário de pé. Existe ali um bom **rink de patinagem**, que poderá aproveitar caso tenha trazido os patins em linha.

Um pouco acima, não deixe de fazer uma visita ao **Jardim de Florêncio Terra**, com o seu bonito coreto. Repare no enorme dragoeiro secular, com mais de dez metros de altura e uma copa perfeita.



A erupção a preto e branco

Regresse pela Rua de São João e na esquina, no início da rua D. Pedro IV, vai encontrar o **Império do Divino Espírito Santo dos Nobres** que é um dos mais antigos impérios da ilha, e mesmo dos Açores, que foram construídos a pedra e cal. Foi edificado em 1759 em memória da erupção vulcânica na Praia do Norte em 1672. A violência da erupção cobriu toda a ilha com uma camada de cinza vulcânica de alguns centímetros de espessura.



Este é um dos mais antigos impérios da ilha, de 1759.

Repare de passagem num edifício grande, de estilo *art deco*, que tem escrito na Fachada “**Sociedade Amor da Pátria**”. Trata-se de uma sociedade maçónica fundada nesta cidade em novembro de 1854 sob a influência do grande Oriente Lusitano. O edifício está muito bem conservado e tem uma elegante platibanda em baixo relevo de hortênsias.



Desça à Rua Walter Bensaúde. No n.º 2, faça uma visita à **Foto Jovial**. Aparentemente,

trata-se apenas de mais uma banal loja de fotografia, mas, se reparar com atenção, poderá ver nas montras umas coleções de fotografias antigas, a preto e branco, retratando a erupção do Vulcão dos Capelinhos, a caça à baleia, os hidroaviões *Clipper* na baía da Horta e vistas antigas da ilha e da cidade. A casa tem um enorme património destas imagens antigas que poderá comprar em diferentes formatos de ampliação, o que lhe permitirá levar no regresso a casa um pedaço da história da ilha.



Local: Rua Walter Bensaúde, n.º 2.
Contacto: 292 202 150.

Casa Manuel de Arriaga

Siga pela Rua Conselheiro Medeiros e vire à direita na Travessa de São Francisco. Aqui, poderá visitar um espaço dedicado ao **primeiro presidente da República de Portugal**. Pagando a entrada neste espaço, tem direito a visitar o Museu da Horta, e vice-versa.



Manuel de Arriaga nasceu nos Açores. Mas onde? É controverso: segundo uns, nasceu na Horta; segundo outros, no Solar dos Arriagas, na ilha do Pico, onde a família passava o verão, tendo depois sido batizado na Horta, onde os seus pais residiam.

A exposição da Casa Manuel de Arriaga recorre sobretudo a sistemas multimédia para nos dar a conhecer Manuel de Arriaga, a sua família e a sua atividade profissional e política. Também tem expostas muitas **fotografias** e **documentos da época**.

No piso inferior, encontra-se uma exposição sobre as carreiras aéreas da travessia do Atlântico, no início do século passado, com os hidroaviões *Clipper*. Sabia, por exemplo,

que o primeiro voo realizado com destino a Marselha (Washington-Horta-Marselha) teve uma duração de 42 horas e 10 minutos e o bilhete custou o correspondente a 2500 euros?

Local: Rua Monsenhor José de Freitas Fortuna.
Contacto: 292 293 361.

Observatório Príncipe Alberto de Mónaco

Regresse à marginal e siga pela Rua da Ladeira, que passa por trás da rua do Café Peter (veja a página 187), e siga depois pela rua Príncipe Alberto do Mónaco. Vire na primeira à direita depois da estação de serviço e suba a azinhaga inclinada até ao cimo. Encontra-se agora no Monte das Moças, e a estranha torre de configuração que ali vai encontrar é o Observatório Príncipe Alberto de Mónaco.



Trata-se de uma **estação meteorológica** cuja construção foi concluída em 1915 e que



Ponto de acesso privilegiado no topo do Observatório.

recebeu o nome do príncipe monegasco que tinha uma estreita amizade com o nosso rei D. Carlos I e com o qual partilhava o interesse pelos assuntos do mar e da oceanografia (veja a caixa na página 216).

O imóvel foi danificado pelo grande sismo de 9 de julho de 1998 mas foi reabilitado com a ajuda do Principado de Mónaco. Está agora equipado com instrumentos meteorológicos, cujos dados se destinam apenas a fins climatológicos e estatísticos, e com um sistema de vigilância sísmológica com sete estações sísmográficas para deteção e registo de tremores de terra. E o velho sísmógrafo que registou a atividade de 1957/1958, durante a erupção do vulcão dos Capelinhos, ainda lá está, perfeitamente operacional.

O pessoal técnico que ali trabalha é escasso (normalmente uma ou duas pessoas apenas) e tem de estar constantemente alerta a registar todos os sismos e em contacto com outras estações congéneres cujo trabalho em conjunto permite determinar com precisão onde ocorrem os sismos. E são muitos mais do que se poderia pensar. Nos dez minutos que durou a nossa visita, registaram-se quatro sismos no arquipélago! Por esse motivo, as visitas ao edifício não são permitidas: escusa de tentar tocar à campainha; foi propositadamente desligada!

Caso encontre alguém mais disponível, pode sempre pedir para lhe mostrarem como se mediam os sismos antes e agora: se o não é garantido; tudo o que vier é bem-vindo! E, porque não, arrisque e peça para **subir à torre** para ter uma vista de 360 graus sobre o Faial e arredores. Se for brindado com essa sorte, encontrará no topo um objeto estranho: uma bola de vidro onde se forma uma minúscula imagem da paisagem



circundante. É um instrumento que se destinava a medir o tempo de insolação. Coloca-se uma folha de papel por baixo da bola de vidro que funciona como uma lente de grande potência. Quando há sol, este queima o papel, deixando um rasto acompanhando o movimento terrestre. Medindo o comprimento do rasto queimado e relacionando este com a respetiva velocidade de rotação da Terra temos o tempo de insolação diária nesse local. Encantadoramente simples, económico e sem “aplicações” para o telemóvel!

Monte da Guia

Chegou a altura de pegar no automóvel e seguir para o sul da baía, passando junto ao porto e contornando o **Monte Queimado** para estacionar junto à entrada da praia.

Praia de Porto Pim

Esta é, talvez, a melhor **zona balnear** dos Açores. É uma área de areia clara bem protegida numa baía acolhedora com água

cristalina e tépida. Além de o mar ser calmo, também tem a vantagem de ter um declive muito suave, pelo que a profundidade é baixa até bastante longe do areal, o que a torna ideal para banhar crianças.

A praia esta equipada com ótimos balneários e tem vigilância de nadador-salvador. Em cada extremo, existem cafés com esplanada virada para a praia.

Fábrica da Baleia

A **Fábrica da Baleia** fica ali mesmo ao lado e revisita a memória da caça e da transformação do cachalote no Faial. Era aqui que os cachalotes eram esartejados e se fazia o aproveitamento de todos os produtos que deles eram retirados: óleo, toucinho, farinhas, carne, ossos e sangue.

Este é um dos melhores exemplares da extinta indústria baleeira açoriana. Aqui, poderá compreender bem o percurso económico e social dessa atividade. Tem exposta praticamente toda a maquinaria utilizada e diverso material multimédia



para ajudar à sua interpretação. O modelo de um **cachalote em tamanho real** dá-lhe uma noção da dimensão deste magnífico mamífero marinho.

Hoje, o cachalote continua a representar um importante papel na economia dos Açores através do turismo associado ao avistamento de baleias.

Local: Monte da Guia.

Contacto: 292 292 140.

Casa Dabney

Saindo deste espaço museológico, siga pelo caminho marginal do lado esquerdo da praia e visite a **Casa Dabney**. A família Dabney, proveniente dos Estados Unidos da América, instalou-se na Horta em 1806 quando John Dabney foi nomeado cônsul-geral dos Estados Unidos para os Açores. Especializou-se no comércio marítimo exportando vinho e laranjas, comprou barcos, armazéns e estaleiros destinados ao abastecimento e à reparação naval e negociava com óleo de baleia. Esta casa, construída num dos locais mais bonitos da Horta, foi também construída por ele, num sítio bem abrigado e junto a uma praia fantástica.

A exposição mostra-lhe o percurso desta família nos Açores e como se vivia com desafogo económico no século XIX na ilha do Faial.

Aquário de Porto Pim

Continuando o caminho marginal, irá ter à **Estação de Peixes Vivos** ou **Aquário de Porto Pim**. Estas instalações servem para a empresa Flying Sharks conservar peixes que vende para aquários públicos de todo o mundo. O espaço inclui tanques com



A Fábrica da Baleia reaviva a memória da caça.

janelas pequenas de vidro por onde poderá ver algumas espécies piscícolas dos Açores. Um recanto com um monitor passa um vídeo relativo aos mares dos Açores para complementar a visita. Por enquanto, este é o aquário público possível nos Açores; apesar de não ter a dimensão de um Oceanário, será sempre interessante fazer-lhe uma visita.

Local: Monte da Guia.

Contacto: 964 971 484.

Ermida de Nossa Senhora da Guia

Deixe o automóvel estacionado e faça um pequeno passeio até ao cimo do Monte da Guia, que se eleva sobre os espaços museológicos que referimos atrás.

Seguindo pela estrada, irá encontrar as ruínas de diversas instalações militares da época da Segunda Guerra Mundial. Lá em cima, vai encontrar a **Ermida de Nossa Senhora da Guia** e uma vista panorâmica fabulosa de Porto Pim e da cidade da Horta. No lado sul, existem duas crateras, as **caldeirinhas**, que comunicam com o mar. Tanto as caldeiras como as encostas



A Praia de Porto Pim é, provavelmente, a melhor zona balnear dos Açores.



Cidade da Horta vista a partir do Monte da Guia.

circundantes são paisagem protegida. Encontramos ali plantas endémicas como a urze, a faia-da-terra e o cedro, e podem ser observadas gaivotas-argêntas, pombos-das-rochas e garajaus-comuns.

Saia de Porto Pim pela Rua Príncipe Alberto do Mónaco. Logo no início, está a **Igreja de Nossa Senhora das Angústias**.

Esta igreja foi construída no século XIX, no local onde foi celebrada a primeira missa após o desembarque do navio de reconhecimento da ilha e onde já tinha existido uma ermida e um templo.

É uma igreja de estilo neoclássico com cantarias de basalto e teto de madeira pintado sobre o altar e nos painéis laterais. A imagem de Nossa Senhora das Angústias, com 1,30 metros de altura, é uma obra-prima da escultura religiosa portuguesa.

Castelo Branco

Mantenha-se na Rua Príncipe Alberto do Mónaco até apanhar a ERI, em direção ao

Capelo e ao Vulcão dos Capelinhos. Repare nas furnas e os bonitos arcos de lava que se veem na costa.

Se já forem horas de almoçar, tem nas redondezas um serviço de *buffet*, que permite, por um preço fixo aceder ao menu completo. Na Feteira vire à esquerda quando vir indicado **Restaurante Salgueirinha**. Na altura da nossa visita, fomos bem servidos por um preço razoável. Aqui pode também escolher um prato de peixe local; algo que é incompreensivelmente um privilégio cada vez mais raro nestas ilhas açorianas.

Ali ao lado existe um parque infantil, uma praia de calhau com uma pequena “poça” para as crianças e um pontão com escadaria de acesso ao mar. Ou seja, é um bom cantinho para se refrescar e retemperar energias antes de seguir caminho.

Local: Porto da Feteira.
Contacto: 292 392 383.

Morro de Castelo Branco

Depois de passar o aeroporto, vá com atenção: quando vir o segundo império (do lado esquerdo), com uns azulejos de coloração azulada que parecem lâmpadas fluorescentes acesas, vire à esquerda e siga a indicação de **Morro de Castelo Branco**. Chegando ao fim da descida, vire à direita e, cerca de cem metros adiante, passe o portão que vai aparecer ao lado esquerdo e estacione no fim do caminho, onde existe um largo com um painel com informação da **Área Protegida**.

Por incrível que pareça, tempos houve em que os terrenos no cimo do **monte** eram cultivados e serviam de pasto ao gado. Conta-se que um antigo proprietário

chegou a levar um carro de bois até ao cume, para ajudar nos trabalhos agrícolas. É claro que, nessa altura, o rochedo tinha um acesso melhor. Tremores de terra sucessivos foram transformando o caminho na estreita vereda hoje disponível. Entretanto, o morro foi adquirido pelo Estado, com o objetivo de proteger a nidificação dos **garajaus-de-cabeça-preta** e outra avifauna insular. Por isso, atualmente não é permitido subir ao morro para não incomodar os animais.

Parque Florestal do Capelo

Regresse à estrada ERI e continue o caminho em direção ao Capelo e ao Vulcão dos Capelinhos. Já próximo do Capelo, vire à direita onde estiver indicado o **Parque Florestal do Capelo**.

Este parque é o local certo para quem gosta de fazer um piquenique em plena natureza. Dispõe de excelentes serviços sanitários, mesas e bancos distribuídos pela mata de criptomérias, cedros e outro arvoredo, e uns grelhadores públicos forrados de pedrinhas que são uma verdadeira obra de arte: assemelham-se a edifícios, construídos em pedra vulcânica bruta, agrupando vários fogos. Esta foi a forma escolhida para evitar a proliferação de pequenos grelhadores no parque. Se estiver a chover, existem mesas debaixo de enormes telheiros para resolver o problema.

Todo o espaço é percorrido por inúmeros caminhos que proporcionam agradáveis passeios exploratórios pela mata. As crianças dispõem de um parque infantil e de um cercado com **gamos** gulosos, que estão sempre prontos a vir até à rede receber

delicadamente mais umas folhinhas verdes de “suplemento alimentar”.

Ao lado, poderá visitar uma **casa rural típica**, com eira, porqueira, poço, alfaias agrícolas, etc. É uma visita interessante, mas tem um horário de funcionamento muito restrito: das 11h00 às 12h00 e das 13h00 às 14h00.

Percursos da Levada e do Cabeço Gordo

Continue na estrada por onde veio até este parque florestal e, quando chegar ao cruzamento, vire à direita, para onde está indicado **Levada e Cabeço Gordo**. Ao encontrar uma casa pequena no meio da estrada (**Casa da Balança**), siga pela esquerda, sempre na direção de Levada e Cabeço Gordo. A estrada é muito bonita, está bordejada por frondosas **hortênsias** e atravessa uma **mata** densa de **criptomérias**.

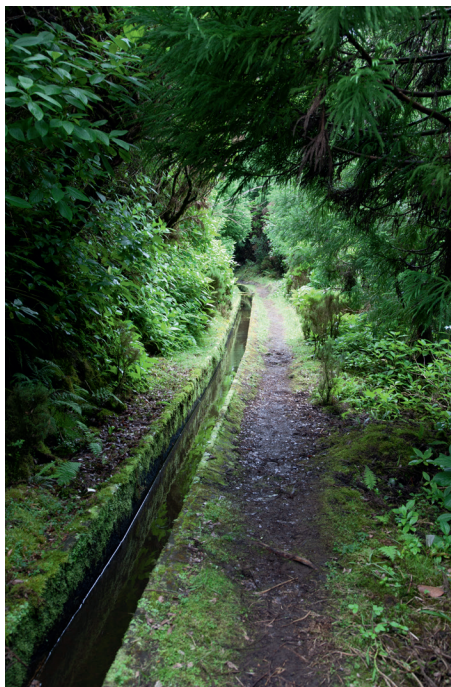
Poucos quilómetros acima vai encontrar indicação à esquerda de **Levada**, por uma estrada de terra batida. Mais adiante, existe um cruzamento à direita que indica



O parque florestal permite contacto com animais.

Cabeço dos Trinta. Continue em frente e irá chegar a um largo junto de um enorme tanque de água. Estacione aí.

Antes de fazer o **percurso pedestre da Levada**, comece por vir um pouco atrás até ao cruzamento onde está indicado **Cabeço dos Trinta**. Suba por esse caminho e, logo depois de uma curva de cotovelo, vá com atenção porque existe um trilho estreito por onde deve seguir. À entrada, verá um **túnel escavado na rocha**, com cerca de 20 metros de comprimento. Vê-se bem a luz ao fundo, e o piso é quase liso; por isso, não corre grande risco de tropeçar e, à partida, não precisará de lanterna. Contudo, se levar consigo iluminação, terá uma mais-valia e poderá reparar nas estalactites brancas que, entretanto, se formaram no teto.



O percurso da Levada atravessa um bosque cerrado.

O túnel desemboca frente a um anfiteatro de uma cratera verdejante: um espetáculo inesquecível.

Regresse junto do local onde deixou o automóvel estacionado e dê início a uma agradável caminhada pela **levada do Faial**, que nunca chegou a funcionar por causa de consecutivos estragos provocados por terremotos.

O percurso tem uma extensão total de **oito quilómetros** (ou seja, um total de 16 quilómetros, ida e volta, portanto leve um farnel e água!) e demora cerca de três horas e meia num ritmo moderado. Termina precisamente no local onde se deu a maior derrocada no sismo de 1998.

Vai atravessar uma paisagem muito diversificada entre floresta cerrada, prados abertos com gado a pastar e muros de hortênsias. Em muitos locais, a vista desimpedida permite contemplar a costa norte.

Veja com atenção onde põe os pés, pois, por vezes, as lajes estão cobertas de **musgo** e são muito escorregadias. Crianças exigem cuidados redobrados.

Regressando à estrada que tomou quando saiu do Parque Florestal do Capelo, continue o caminho pela serra e irá desfrutar de **vistas panorâmicas** muito bonitas, sobretudo se o tempo estiver favorável. Irá ter à beira da **Caldeira do Faial** pelo lado oeste e desfrutará de uma outra perspetiva desta formação vulcânica. Se estiver nevoeiro, espere um pouco: às vezes, um pouco de paciência será recompensado com uma visão única da cratera encimada por um dossel de nuvens.

Centro de artesanato



Volte à ERI e continue na direção do **Capelo**. Um pouco depois, no lado esquerdo da estrada, preste atenção ao aparecimento de uma casa vermelha e branca de arquitetura invulgar. Trata-se de um **centro de venda de artesanato** dos Amigos do Farol dos Capelinhos, onde poderá encontrar um pouco de tudo, desde os bibelôs mais ou menos inúteis até aos bolinhos e licores locais. Também dispõe de um café e de um miniparque de merendas no agradável jardim.

Contacto: 292 945 027.

Capelinhos



A próxima paragem é o **Vulcão dos Capelinhos**. O farol, em ruínas, destruído pelas violentas erupções vulcânicas de 1957 e 1958, foi construído inicialmente sobre um promontório sobranceiro ao mar e repousa agora, inútil, rodeado por um extenso mar de lava solidificada. Todo o terreno que se avista a sul e a oeste do farol emergiu do mar durante as erupções. Estacione o carro no



O Farol dos Capelinhos está rodeado por escória e rochas vulcânicas.



Junto ao centro de artesanato há um pequeno jardim.

parque de estacionamento e observe o que resta da cratera – um cenário quase lunar junto à lindíssima paisagem costeira. Seja prudente e não se aproxime demasiado da **falésia**, porque o solo é muito quebradiço.

Centro de Interpretação

O edifício que alberga o **Centro de Interpretação do Vulcão dos Capelinhos** está construído debaixo de terra, não interferindo minimamente na paisagem: um bom trabalho de arquitetura. Um único bilhete dá acesso a diversas atividades.





No Centro de Interpretação aprofunde conhecimentos.

Um filme explica os processos de formação da Terra, dos Açores e do Vulcão dos Capelinhos. Os conhecimentos aqui adquiridos são complementados com uma exposição, entre outras, sobre os faróis açorianos e a atividade vulcânica no mundo. Como cereja no topo do bolo, terá a oportunidade de subir ao farol e apreciar a paisagem ao redor deste vulcão, cuja última erupção fez meio século em 2008.

Local: Farol dos Capelinhos.
Contacto: 292 200 470.

Casa dos Botes

Saia do parque de estacionamento e vire à direita, descendo na direção do mar. Do seu lado esquerdo, sobressai um campo de cinza pontuado por pedaços de telhados de casas completamente soterradas. Pare um pouco e, usando a informação entretanto fornecida no centro de interpretação, tente imaginar o inferno em que se transformou aquele lugar durante a erupção do vulcão.



Mais abaixo, visite o edifício branco isolado no meio das cinzas. Trata-se da antiga **Casa dos Botes**, onde se realizava

antigamente todo o trabalho de manutenção das embarcações, assim como a preparação do material para a faina baleeira. Fazia parte de uma antiga aldeia de habitação sazonal, onde se alojavam baleeiros oriundos do Faial e de outras ilhas, em casas de pedra cobertas de palha de trigo que estão agora soterradas pelas cinzas do vulcão.

O espaço expõe a **canoas Senhora Santa**, que operou a partir do posto baleeiro do Porto do Comprido (veja o título seguinte) entre 1949 e 1957. As bonitas fotografias da época permitem-nos viajar no tempo até ao passado daquela gente.

Porto do Comprido

Logo abaixo, ao lado da rampa por onde este e outros botes baleeiros desceram em tempos para o mar com regularidade, existe agora a **zona balnear de Porto do Comprido**. É pouco mais do que uma ampla piscina natural delimitada pelas rochas e um pedaço de chão cimentado destinado a estender a toalha para banhos de sol. Dali desfruta-se também de uma vista desimpedida para o Vulcão dos Capelinhos.



Piscinas do Varadouro

Siga pela estrada de bagacina (terra batida) que passa ao lado da Casa dos Botes e que vai no sentido contrário ao farol. Sempre perto do mar, atravessará algumas zonas de arvoredo denso. A meio, existe um pequeno miradouro e um farolim. Seis quilómetros depois, chegará ao **Varadouro**, onde existe um agradável complexo balnear.

No amplo espaço cimentado entre as rochas, com caminhos e recantos, poderá tomar um banho de sol com privacidade.



São duas as **piscinas com água do mar**: uma, com pouca profundidade, faz das delícias dos mais novos; a outra, mais ampla, destina-se aos adultos. Se tiver uma máscara de mergulho (e alguma experiência), pode observar a fauna e a flora submarinas.

O local está impecavelmente limpo e permite contemplar uma vista lindíssima para os lados de Castelo Branco. Tem restaurante, café e esplanadas perto.

Espalamaca

Regresse agora à Horta, atravesse a cidade para norte, e suba em direção à **Espalamaca**, o monte sobranceiro à cidade. Mais ou menos a meio da subida, vire na única cortada à esquerda quando vir indicado **Scrimshaw** numa caixa do correio.



John, o artesão do scrimshaw

John van Opstal, que assina os trabalhos apenas como John, dedica-se há largos anos à arte de gravar imagens do quotidiano das gentes do mar em dentes de cachalote, o **scrimshaw**. Como atualmente se tem tornado mais difícil a aquisição de dentes de cachalote verdadeiros, o artesão recorre agora, a maioria das vezes, a uma matéria plástica de peso, textura e coloração extremamente realistas, com um trabalho de gravação que mantém sempre a qualidade do original.

Num português difícil ou num inglês escorreito, explica com genuíno prazer os segredos da arte e as dificuldades em encontrar matéria-prima, por já não haver caça ao cachalote. Aliás, a reserva de que dispõe não lhe permitirá trabalhar por muito mais tempo.

John vende os trabalhos literalmente ao quilo, não cobrando pela gravação. Segundo afirma, dedica-se a este passatempo apenas pela satisfação de transformar um dente numa obra de arte. Os preços podem atingir milhares de euros, mas a visita é gratuita.

Local: Banda da Vila, 17C.

Contacto: 292 392 720/967 176 317.

Miradouro de Nossa Senhora da Conceição

Com ou sem dente de cachalote trabalhado, acabe de subir o monte para apreciar a vista do **Miradouro da Nossa Senhora da Conceição**. A paisagem é magnífica; avista-se a cidade e, do outro lado do canal, o Pico e São Jorge.



Um pouco adiante, repare nos três **moinhos típicos** da ilha. Com as vacas e os pastos verdes, compõem um cenário mais próprio da Holanda do que de Portugal, o que não é de espantar, pois o Faial foi colonizado com recurso a muitas famílias oriundas da Flandres. Ao contrário dos



Aspetto dos moinhos típicos do Faial.

moinhos do Continente, em que só o telhado e as velas rodam para procurar a melhor direção do vento, neste caso, gira todo o edifício. Os paus enormes na traseira do moinho servem, justamente, para o moleiro o empurrar para a posição desejada.

Jardim Botânico do Faial

Continue nessa estrada e siga a indicação de **Jardim Botânico do Faial**. Tem estacionamento à porta.

Este jardim foi construído numa antiga exploração agrícola de pastagens e pomares de laranjeiras. Num espaço interior de exposição, poderá inteirar-se da flora do arquipélago açoriano, quer das espécies autóctones quer das invasoras. O espaço exterior está arranjado com bom gosto e tem exposto praticamente tudo o que é relevante sobre a vegetação destas ilhas. Também dispõe de uma estufa com uma exposição de inúmeras espécies de **orquídeas** e um jardim destinado às plantas **aromáticas e medicinais**. Todas as espécies estão bem identificadas pelo seu nome vulgar e pela

designação científica. Trata-se de um espaço muito interessante e de uma visita muito agradável, que gostará de não deixar passar em falso.

Local: Rua de São Lourenço, 23 – Flamengos.
Contacto: 292 948 140.

Caldeira

Seguindo as indicações de **Caldeira**, vai dar a um largo sem saída onde pode estacionar o carro.

Proteja-se do frio e percorra o túnel ventoso e escuro escavado na encosta. Se o dia estiver limpo, terá a sorte de desembocar logo numa paisagem linda que parece saída de uma ilustração de um conto de fadas. A seus pés abre-se uma enorme cratera, perfeita, com as encostas repletas de vegetação. Lá em baixo eleva-se outra pequena cratera e correm ribeiros de água límpida.

Poderá apreciar melhor o local se fizer o **percurso** que parte dali e segue o bordo da cratera. Tem sete quilómetros de extensão e faz-se em pouco mais de três horas de caminhada. Atenção que não é permitido descer até ao fundo da Caldeira sem acompanhamento de um guia credenciado, em virtude de a caldeira ser Reserva Natural, Sítio de Interesse Comunitário e Zona de Proteção Especial. Para ter o contacto dos guias credenciados para descer à Caldeira, informe-se junto do Parque Natural do Faial (292 207 382).

Voltando ao ponto de partida, desça a pé uns 500 metros pela estrada que o trouxe a este ponto. Perto de uma casa-abrigo, que na altura da nossa visita estava vandalizada, vire



à esquerda. Pouco depois, vai encontrar o **Miradouro de Pedro Miguel**, onde se desfruta de uma vista ampla para a Horta, o Pico e São Jorge. Continuando por essa estrada vai passar por bosques de criptomérias e pastos ao longo de cerca de cinco quilómetros, até alcançar um agradável parque florestal.

Parque do Cabouco



Este é mais um espaço natural muito agradável, apto para piqueniques e ponto de partida para inúmeros **trilhos**. Tem diversos **espaços de merendas**, inseridos no meio da mata ou cobertos por telheiros amplos. Dispõe de instalações sanitárias, grelhadores e parque infantil. Tal como no Capelo, está tudo limpo, o que revela um cuidadoso e constante trabalho de manutenção.

Praia do Almojarife



Descendo na direção do mar no sentido da Horta vai encontrar indicação da **Praia do Almojarife**. Esta é uma das melhores praias da ilha, com bom areal, instalações sanitárias, duchas, bar e vigilância de nadadores-salvadores. Do outro lado da rua tem um bom **parque infantil**.

Se gosta de **mergulhar em apneia**, só com a máscara e tubo, vai poder deleitar-se aqui a observar a bonita fauna submarina da ilha.

Marina da Horta



Regresse à Horta para ir gozar um fim do dia na **Marina** apreciando as pinturas feitas por gerações de marinheiros que passaram por este cais. Algumas são autênticas obras

de arte. Depois, jante uma boa alcatra num restaurante ali perto e faça uma visita ao Café Sport (o Bar do Peter – veja a página 187), para finalmente avaliar o mérito do tal **gin tónico** – por vezes é preciso tomar mais do que um para começar a perceber... Contudo, não se alongue na noite: precisará de um bom descanso para subir ao Pico no dia seguinte.

Pico

Salte da cama bem cedo, porque o dia será potencialmente longo. Tome um pequeno-almoço substancial e prepare um farnel com, pelo menos, três sanduíches e uma garrafa de água de 1,5 litros por pessoa.



A Praia do Almojarife é uma das melhores da ilha.

Chocolates, frutos secos, barras e bebidas energéticas são também aconselháveis. Convém ainda levar umas boas botas, um agasalho, um impermeável leve e um bom protetor solar.

Depois, vá até à **gare** marítima e apanhe o primeiro barco da manhã para a Madalena.



Em dias limpos, a vista sobre a Caldeira é soberba.



Se puder, compre a viagem antecipadamente.

Aliás, tem todo o interesse em, se puder, reservar o bilhete com antecedência (por exemplo, através da internet).

A viagem demora cerca de meia hora, o necessário para atravessar o canal, com cerca de nove quilómetros. Aproveite para apreciar a vista da Horta à medida que o barco se afasta e depois suba até ao deck superior, onde poderá fazer o resto do percurso sempre com uma vista desimpedida.



Quase a chegar ao Pico, irá passar pelos **Ilhéus da Madalena**, que resistem impávidos às maiores tempestades invernais e são atualmente muito escolhidos para a prática de mergulho.

Depois de desembarcar na **Madalena**, tem duas opções: explorar as imediações ou preparar-se para subir ao Pico (veja a página 204).

Museu de Cachalotes e Lulas

Nem sempre as condições climatéricas permitem levar a cabo a empreitada de subir ao Pico, e verdade seja dita que alturas há em que a saúde nos troca as voltas e mais vale não dar passos maiores do que as pernas.

Nesses casos, a viagem até à Madalena não é em vão, porque vale a pena conhecer a freguesia. Sugerimos-lhe que comece por fazer um pequeno passeio e visite um pequeno museu montado a partir da coleção particular de um biólogo.

Não espere nada de grandioso: o **Museu de Cachalotes e Lulas** é um modesto espaço museológico que presta homenagem ao trabalho de recolha de **Malcolm Clarke** e que tem o mérito de dar uma visão geral sobre a vida do cachalote e das suas principais presas: as lulas-gigantes.



Local: Largo Cardeal Costa Nunes.
Contacto: 292 628 700.

Junto ao cais, existe um **moinho típico** da ilha recuperado e funcional. Vale a pena dar uma espreitadela ao interior para apreciar o mecanismo de madeira. Parece incrível como aquelas peças podem suportar as forças em jogo e fazer trabalhar as pesadas mós de pedra.



Igreja de Santa Maria Madalena

Esta igreja é um dos maiores templos da ilha. Foi construída no século XVII e mais tarde melhorada com outra frente mais imponente. Dispõe de duas belas **torres gémeas** coroadas por pináculos de base hexagonal e um decorativo relógio do século XIX.



Repare nos **vitrais** da capela-mor alusivos à vida da santa padroeira desta igreja.

Museu do Vinho

A Igreja de Santa Maria Madalena, localizada bem no centro da vila, dista do Museu do Vinho cerca de 20 minutos a pé, portanto a forma mais fácil de lá chegar é apanhar um táxi, sobretudo se tiver os minutos



contados para estar na ilha ou de o tempo não estar de feição.

O museu está instalado num magnífico imóvel dos séculos XVII/XVIII onde funcionavam as instalações agrícolas do **Convento do Carmo**, uma mansão de veraneio dos frades carmelitas sediados na cidade da Horta. O edifício é um símbolo arquitetónico da fase opulenta do Ciclo do Vinho Verde, na ilha do Pico.

Este espaço museológico compreende quatro áreas distintas: **Casa Conventual dos Carmelitas**, Edifício dos **Alambiques** (receção), **Edifício do Lagar**, **Mirante e Vinha** e uma bonita **Mata de Drageiros** seculares. Existe uma vasta área de curraletes protegendo as vinhas muito bem cuidadas.

Está tudo muito bem arranjado, e o espólio museológico tem uma apresentação excelente. Além do mais, o espaço é muito bonito: o contraste entre as construções de pedra vulcânica preta e o vermelho vivo das pinturas das madeiras cria uma atmosfera muito especial sempre vigiada de longe pelo enorme vulcão do Pico.

O museu abre de terça a domingo, das 09h30, às 17h00. Aos domingos, as entradas são gratuitas.

Local: Rua do Carmo.
Contacto: 292 622 147.

Marroços do Pico

Ao passear pelas áreas rurais do Pico vai certamente reparar numas estruturas enormes feitas de pedras sobrepostas e com a configuração de pirâmides a lembrar de alguma forma o México: localmente chamam-se **marroços**. Um arqueólogo



americano, convidado a visitar o Pico recentemente, terá levantado a dúvida sobre estas estruturas: ao contrário do que as pessoas da terra afirmam, estas estruturas ter-se-ão afigurado extremamente perfeitas e com uma orientação astronómica demasiado rigorosa para serem meras formas de os locais organizarem no menor espaço possível as pedras retiradas dos terrenos de cultivo. As próprias rampas de acesso aos marroços parecem associadas ao conceito de estrutura sagrada. Tudo parece indicar que tenham sido construídas por povos que teriam vivido na ilha muito antes da sua descoberta pelos portugueses. Além disso, alguns arqueólogos nacionais encontraram nos marroços depósitos de artefactos antigos muito anteriores à chegada dos Portugueses às ilhas açorianas.

Suba uma destas escadarias e avalie por si próprio: estará apenas sobre um monte de pedras ou uma pirâmide do tipo asteca para adoração dos deuses?

Porto da Madalena

Menos controversas são as boas **esplanadas junto do porto**. Muitas delas pertencem a



A origem dos marroços do Pico não é clara.


ótimos espaços de restauração onde poderá tomar uma refeição com vista para o mar. Experimente o vinho da terra e não se esqueça de que o queijo do Pico também é conhecido pela boa qualidade.



Mais abaixo irá encontrar as piscinas, com vista para o canal e para o Faial. Têm vestiários, chuveiros e bar. Mesmo no inverno, a água aqui dentro do porto mantém-se sempre mais temperada. E, se espreitar o fundo com uma máscara de mergulho, vai ficar muito tempo encantado a ver a profusão de peixes que se escondem mesmo ali à borda de água.

Subida ao Pico



A subida ao Pico constitui um esforço grande, que não é para todos, daí as alternativas que propusemos na vila e arredores. Para os mais audazes, que não quiserem ficar por aqui, está na hora de apanhar um táxi, ou alugar um carro, e ir até à Casa da Montanha  38.470582, -28.426482, na base do monte.



Este é o ponto de paragem obrigatório na montanha do Pico. A Casa da Montanha apresenta informações sobre a geologia, biologia, história, clima e enquadramento legal da Reserva Natural que vai visitar, quer em painéis informativos, quer em formato de filme, que pode ser visualizado no auditório. Tem bar com *snacks* e casas de banho. É aqui que se procede ao registo rigoroso de quem vai subir à montanha e de quem se encontra lá. O principal objetivo consiste em apoiar quem pretende efetuar a subida e controlar o acesso, mantendo-o seguro e de acordo com o regulamento em vigor.

Local: Cabeço das Cabras.

Contacto: 967 303 519.

Escolher o guia

Só pode escalar o Pico acompanhado por um guia credenciado. No verão, os guias estão junto da Casa da Montanha (veja o texto na coluna da esquerda), pelo que, ao chegar ao Pico, é só apanhar um táxi até lá. Na época baixa, quando há neve e gelo, nem todos os guias fazem a subida, e ninguém fica à espera na montanha que apareçam turistas. Sugerimos que, na Horta, vá ao posto de turismo, onde lhe darão uma lista de guias credenciados. Um bom guia diz-lhe o que precisa de levar e tem equipamento para ceder (blusões polares, luvas, barretes, bastões de caminhada, etc.). Também analisa as condições meteorológicas e a própria montanha para lhe dizer qual o melhor dia para a escalada. Os mais profissionais têm ainda seguro para cobrir os acidentes. Os preços oscilam entre 45 e 50 euros, e garantimos que, aqui, não vale a pena poupar. Sobretudo no inverno e com pessoas sem experiência, os acidentes mortais não são raros.



Resta-lhe escolher um guia ou integrar-se num grupo que esteja de partida (veja a caixa acima). No verão, o caminho é razoavelmente perceptível, graças às dezenas, ou mesmo centenas, de pés que por ali passam. Além disso, ao fim de cerca de dois quilómetros, a direção está marcada por vários marcos, que constituem um bom ponto de referência. Mas a natureza impõe respeito: tratando-se de uma montanha atlântica, a qualquer momento, pode surgir nevoeiro que impeça o reconhecimento do trilho, sobretudo no inverno.

Apesar do grande entusiasmo dos turistas na subida ao Pico, não vale a pena esconder a realidade: para quem não está habituado a estas andanças, a aventura é longa e penosa, em especial, se o tempo estiver contado para apanhar o barco de volta à Horta. Acredite, o guia vai puxar por si e levá-lo aos limites. No geral, o trilho, com cerca de cinco quilómetros a 1200 metros de altitude, leva três a quatro horas para cumprir. Conte com mais uma meia hora para conquistar o Piquinho, elevação com cerca de cem metros num canto da cratera. Os novatos irão sentir a respiração muito ofegante nos primeiros 30 a 45 minutos, o tempo que o organismo leva a habituar-se ao esforço. Preocupe-se em controlar bem a respiração, expirando sempre até ao fim. Uma boa estratégia consiste em progredir com passos curtos, numa cadência lenta e regular. Pode descansar, mas por períodos breves, para os músculos não arrefecerem e a progressão ficar ainda mais difícil.



A vegetação é dominada por musgos e urzes rasteiras, com flores em forma de pequenas campânulas encarnadas, endémicas dos Açores. Aqui e ali, aparecem também tufos de erva-ursa, de pequenas flores lilases. Depois de chegar ao topo, conseguirá ver, se não houver nevoeiro, uma enorme cratera de lava nua, à beira da qual, no lado oposto, se ergue o Piquinho – um cone vulcânico que atinge 2351 metros de altitude.

Observe as formações rochosas moldadas pelo deslizamento de lava incandescente. Do topo do Piquinho, se o tempo deixar, avistará a ilha do Pico, o Faial, a Terceira e a Graciosa, perdida no horizonte. Suba ao marco geodésico (que acrescenta mais 1,5 metros à altitude-recorde) e aprecie a paisagem com a cintura de nuvens abaixo da cratera. No verão, o chão está morno e, por



A subida ao Pico é exigente, mas compensa.

entre as rochas do lado norte, escapam-se emanações de ar com um cheiro forte a enxofre, prova de que o gigante não está morto, mas apenas adormecido.

Para a descida, conte, no mínimo, com mais três horas. Muitos levam mais tempo a descer do que a subir. O piso inclinado requer um andamento cuidadoso, para evitar escorregadelas e entorses. Em época de neve e gelo, o cuidado deve ser redobrado. Dois bastões de caminhada não são de dispensar.

De regresso à Madalena, beba um refresco numa das esplanadas por cima do porto velho antes de apanhar o *ferry* de regresso ao Faial.



Horta

Já na Horta, não estranhe dores em músculos que nem suspeitava ter. Goze um merecido descanso perto da marina ou na praia de Porto Pim e observe, agora com outros olhos, o Pico já conquistado. Se estiver “mais para lá do que para cá”, todos perceberão se aterrorar diretamente na cama do hotel.